

Nome: Fran de Oliveira Alavina

Email: ffilosofia@hotmail.com

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva

DA HISTÓRIA SEM SENTIDO AO ESTÉTICO SENTIDO DO PRESENTE:
FILOSOFIA COMO DIAGNOSE DE SI E DE SEU TEMPO

Resumo: Pensar a Filosofia dotada da capacidade de realização de um diagnóstico do presente supõe, antes de qualquer coisa, considerar as características mais determinantes da própria Filosofia no presente. Quais mudanças no estatuto teórico da Filosofia fundamentam a possibilidade de um diagnóstico do presente? De que é capaz a Filosofia hoje? Como escapar da destinação geral imposta aos saberes de adequação ao *status quo*, ou seja, qual o alcance da crítica filosófica? Tais indagações se sustentam na hipótese interpretativa adotada, a saber: o diagnóstico filosófico do presente requer uma diagnose da Filosofia sobre si mesma. O diagnóstico do presente se realiza na medida em que o exercício filosófico não se reduz à técnica exegética dos textos. Abdicando de uma auto-referencialidade ínvia. Trata-se, pois, de pensar as implicações entre o discurso filosófico e as determinidades do presente, valendo-se, aqui, de uma discussão particularmente característica da filosofia italiana contemporânea, mais precisamente do debate entre os pensadores Remo Bodei e Gianni Vattimo na obra *Filosofia Al Presente*.

Com efeito, as mudanças no estatuto da reflexão filosófica (o aparecimento de novas propostas metódicas e correntes de pensamento) se expressam já nas diferentes definições do presente: *modernidade tardia*, *modernidade líquida*, *hipermodernidade*, *pós-modernidade*. Ainda que sejam diversas as diagnoses do presente, algo de comum pode ser identificado entre elas: a constante referência à *Modernidade*. Assim, em um primeiro momento, o diagnóstico do presente pauta-se em dois aspectos: *i*) a compreensão da Modernidade orientadora do diagnóstico; *ii*) a dinâmica categorial correspondente às diversas correntes de pensamento.

As correntes de pensamento na atualidade, não obstante, ao mesmo tempo em que tornam a Filosofia positivamente multifaceada e dinâmica, correm o risco de perderem-se em uma “confusão babélica”. Isto é, declinar nas unilateralidades de discursos particulares nos quais são perdidos os liames e nexos de proximidade, pois incapazes de estabelecer pontos de contato. Por conseguinte, de uma “confusão babélica” de linguagens incapazes de serem absolvidas fora de seus próprios âmbitos, gesta-se discursos emudecidos.

Disciplinas setoriais, discursos particularistas que no isolamento da incapacidade de realizar diálogo buscam legitimação no reconhecimento de especialidades privilegiadas. Ora, uma das mais fortes características da Modernidade vincula-se à organização de uma *enciclopédia das ciências e saberes filosóficos*, preocupação premente de Descartes a Hegel. Estava, pois, em questão a fundamentação da integralidade do saber, sustentada na formulação de um liame capaz de dotar as disciplinas filosóficas de uma raiz comum e segura, tal como na imagem da árvore utilizada por Descartes. Com efeito, em meio às vicissitudes das diferentes propostas de organização enciclopédica da Filosofia, cumpre ressaltar o aparecimento de duas novas disciplinas, sem as quais, a capacidade filosófica de diagnose do presente torna-se obliterada. Trata-se da *Filosofia da História* e da *Estética*.

Duas disciplinas filosóficas que se nutrem de um mesmo esforço moderno: dotar de sentido racional duas esferas secularmente consideradas incapazes de se elevarem ao âmbito de universalidade exigido pela razão¹. Daí, o aparecimento das *filosofias da história* como discursos capazes de estabelecer um sentido global unitário para o curso dos acontecimentos humanos, dotando do senso de continuidade as múltiplas fraturas de um único processo, que outrora se encontrava relegado às vicissitudes dos fins particulares dos povos e das necessidades singulares dos indivíduos. No caso da *Estética*, a justificação filosófica de seu estatuto resultou de uma frontal oposição às *poéticas clássicas*. Houve, dessa maneira, não apenas uma mudança de estatuto, mas também de eixo de gravidade. Abandonou-se o estabelecimento das regras objetivas constituidoras do belo, em favor da legitimação da experiência subjetiva da beleza como âmbito universal e autônomo. Isto é, como experiência cujo sentido não pode ser aferido nem do âmbito *gnosiológico*, nem do âmbito *prático*.

¹ Nesse caso, veja-se, como expressivo exemplo, a tópica consideração aristotélica de que a *poesia* é mais filosófica que a *história*.

Uma vez justificada a autonomia da experiência estética, em conjunto com a desconstrução das *filosofias da história*, e a consequente perda do sentido unitário dos acontecimentos (este último aspecto, de acordo com Bodei, tratar-se-ia de uma “hemorragia”, consequência de uma fratura que o *historicismo* buscara, porém não conseguira compensar), a Estética adquiri grande amplitude, resulta daí que o *estético* deixa de se restringir ao belo artístico. Segundo Vattimo, o presente pode ser concebido como *época estética* na medida em que seu sentido mais determinante é o *estetismo*. A *estetização* da realidade é, em verdade, a desrealização do sentido unitário da história herdado da Modernidade. O estetismo, isto é, a sobreposição do âmbito estético às esferas *prática* e *gnosiológica* é o fenômeno determinante do *ethos* do presente.

O estético sentido do presente não é uma promoção da Arte, mas um agenciamento dos *mass media*. Estes caracterizam a *sociedade de massa* como *sociedade transparente*², em oposição às *filosofias da história*. Na sociedade *mass mediática*, a história perde aquele caráter redentor que se realizaria na consumação final. A redenção se deixa entrever quando o curso dos acontecimentos é concebido como totalidade orgânica. Nesta perspectiva, o próprio processo histórico indicaria sua destinação final imanente, porém sendo uma apreciação histórica feita de um momento particular, a visão da redenção final nunca é visão completa. Segundo Vattimo, não é este o caso da *sociedade transparente*, em cujo seio, tudo é exacerbadamente visto. Hiperbólica imagética, na qual a ordem das coisas é dada como visão completa, sem segredos, sem algo que possa manter-se escondido. Assim, nada resistiria à homologação cultural dos *mass media*, uma vez que o contato direto, o acesso ao real é cada vez mais mediado pelos agentes da homologação. Os acontecimentos já são dados segundo um roteiro próprio, porém sem sentido unitário. A realidade não é apenas compreendida, porém mais propriamente sentida, logo o caráter estético, como uma ficção midiaticamente produzida.

Desse modo, os *mass media* ocupam o papel das *filosofias da história*, tomando a direção narrativa dos acontecimentos. Prepondera a concepção: se não foi noticiado, não aconteceu. Todavia, se neste caso, Vattimo identificada algo positivo (a liberação do fardo da redenção), Bodei considera negativamente. O presente se caracteriza como lugar da frustração, pois prescindido do caráter redentor resta somente adequação.

² Cf. VATTIMO, Gianni. *La Società Trasparente*. Milano: Garzanti, 1989.

Palavras-Chave: Estetismo. Presente. Diagnóstico.